



**IX Simpósio Nacional de História Cultural**  
**Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo**  
**1968 – 50 ANOS DEPOIS**  
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Cuiabá – MT  
26 a 30 de Novembro de 2018

**REPRESENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO NO ESPAÇO DA USINA ITAICÍ**

Emilene Fontes de Oliveira<sup>1</sup>  
Elizabeth Figueiredo de Sá<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho insere-se na área de estudo da História da educação de natureza escolar e não escolar nos os anos de 1897 a 1930 e segue na perspectiva da História Cultural. Tem como objetivo analisar a educação no contexto da Usina Itaicí sob a ótica de uma sociedade coronelística, que por sua vez, tinha como costume a utilização de práticas clientelísticas nas relações entre patrões, empregados e famílias, algo comum no limiar da República em Mato Grosso.

Refletir sobre a Usina Itaicí e sua dimensão educativa enquanto objeto de estudo significa compreender como essa empresa de produção de açúcar e aguardente foi planejada e organizada para o trabalho em escala industrial, mas, sobretudo, entender como a mesma utilizou de estratégias para instruir e educar os trabalhadores e as famílias para a convivência numa sociedade hierarquizada, sem ignorar o fato que essas famílias

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória – GEM/UFMT. E-mail: [emilenef29@gmail.com](mailto:emilenef29@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória – GEM/UFMT. E-mail: [elizabethfsa1@gmail.com](mailto:elizabethfsa1@gmail.com).

foram seduzidas no sentido de criar laços afetivos e de lealdade para com os seus patrões, porém, sem desconsiderar a situação de controle sob os mesmos.

Quanto à metodologia, recorreremos à pesquisa qualitativa de abordagem histórica que faz parte de uma operação na qual tem proporcionado localizar, inventariar, reunir e analisar um corpus documental referente a atas, ofícios, mensagens, relatórios, regulamentos, imprensa periódica, obras memorialísticas, fotografias, relatos, entre outros, os quais permitem visualizar os mais diversos contextos no ambiente da usina. No campo da fundamentação teórica utilizou-se o conceito de representações de Chartier (1990) e as considerações de Certeau (1994) sobre práticas culturais.

Este trabalho discute o universo da usina Itaicí de modo que se possa compreender o seu contexto histórico no cenário do Estado de Mato Grosso a partir da sua fundação, da atuação de seus proprietários na economia e na política mato-grossense, da estrutura da usina, bem como, procura dar atenção às representações da educação no espaço da Usina Itaicí, voltando o olhar para a educação de natureza escolar, procurando dar visibilidade à Escola de Itaicí e para a escolarização das crianças. E por fim, optamos em apresentar alguns apontamentos acerca da educação de natureza não escolar, observados sob a ótica da cultura do trabalho.

## **1 A USINA ITAICÍ E AS REPRESENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO EM SEU UNIVERSO**

A Usina Itaicí é um ícone da história de Mato Grosso e foi tombada como patrimônio histórico cultural do Estado através da Portaria 55/84 publicado no D.O de 08/01/1984. Esta usina deixou seu legado na história de Mato Grosso como uma das primeiras indústrias de grande porte do estado que naquele momento chegou a alavancar a economia mato-grossense.



Figura 1 – Usina Itaicí. Fonte: Álbum Gráfico do Estado de Matto-Grosso, 1914, p. 279.

A referida usina entrou para a história pela produção em larga escala, como também, pela arquitetura imponente, pela aquisição de equipamentos importados da Europa e pela relação que o proprietário tinha com o setor industrial, comercial e político, todavia nem sempre foi muito amistosa.

O primeiro proprietário da Usina Itaicí foi o Coronel Antonio Paes de Barros, mais conhecido como Cel. Totó Paes, que por sua vez também ocupou um lugar de destaque na política de Mato Grosso assumindo o posto de Presidente de Estado entre os anos de 1903 a 1906 que foi interrompido com o seu assassinato. Ele tinha representações peculiares, ora era visto pelo lado empresarial, caracterizado pelo tom progressista, moderno, visionário, e, por outro, pela configuração de uma imagem demonizada pelos adversários políticos, por ter se tornado um dos símbolos da fase mais violenta das disputas políticas em Mato Grosso: “Embora a face demonizada do Cel. Totó Paes estivesse sendo construída antes de sua morte, [...] depois de seu assassinato, essas representações transformaram Totó Paes em uma espécie de encarnação do mal” (FRANCO, 2011, p. 173). É desta forma que o dono da Usina Itaicí é representado na historiografia mato-grossense, ou seja, pelo lado de empreendedor ousado, destemido e aguerrido, e em contrapartida, ficou legitimado por uma postura hostil e violenta com seus funcionários e adversários políticos.

O Cel. Totó Paes era adepto de uma visão liberal considerada moderna, porém, na sua empresa ainda vigorava com base em ações arcaicas, voltadas para o trabalho semiescravo, com jornadas de trabalhos excessivas e aplicação de castigos e penalidades severas. Isso era o reflexo do contexto brasileiro que se ingressou tardiamente na República, e na sua fase inicial não provocou alterações significativas de caráter econômico, social, político e cultural. Nota-se que o modelo republicano instituído, a priori, não promoveu o desfecho das questões religiosas, militares, nem tampouco promoveu o fim dos excessos cometidos anteriormente, e muito menos a solução para a insatisfação dos fazendeiros com a abolição da escravatura (VIOTTI, 1994).

Nesse momento, o estado de Mato Grosso sentia as influências da cultura coronelística, tendo como base a ação dos coronéis na concessão ou não de privilégios. Esse poder extrapolava o cenário rural, se estendendo para o urbano, embora isso ocorresse com maior intensidade no campo, de modo que os coronéis mantinham o domínio de diversas funções como de empregador, compadre, festeiro, juiz, dentre outras

funções (SIQUEIRA; COSTA; CARVALHO, 1990). Essa era a base de sustentação da sociedade coronelística<sup>3</sup>.

Desta forma, observa-se que esse fenômeno foi se constituindo onde uma das principais fontes de riqueza era a posse da terra. As relações de trabalho fundamentaram em obrigações pessoais ocasionadas por troca de favores. À medida que a posse da terra era concentrada nas mãos de poucos que se enriqueciam a olhos vistos e representavam uma elite de proprietários de terra, na contramão, a maioria da população se via marginalizada desse processo, restando como alternativa oferecer a sua força de trabalho (CORRÊA, 2009).

As considerações do autor, a nosso ver, representa a utilização de práticas clientelísticas pelos proprietários da usina. Em meio a essa relação de troca é que o político recebe os votos que busca para se eleger. É possível entender o conceito básico de clientelismo como um tipo de relação entre atores políticos envolvendo a concessão de empregos públicos, da formação de empregos, benefícios fiscais, isenções e trocas de apoio político permanecendo na sua forma clássica que envolve a negociação do voto (CARVALHO, 2017). O clientelismo tem como objetivo amarrar politicamente o beneficiário, sem ignorar o fato de que no caso da Usina Itaicí, esta prática serviu também para o recrutamento dos empregados e a manutenção dos mesmos no espaço e no contexto da usina.

Enfim, pode-se dizer que em meio às tensões, conflitos, empoderamento de coronéis, práticas clientelísticas, entre os múltiplos fatores, fizeram parte do advento da República, permitindo que Mato Grosso vivenciasse um dos períodos mais tumultuados de sua história. A história da Usina Itaicí, por sua vez, evidencia esse movimento na sua internalidade e nas suas relações.

As representações da educação abrangem os aspectos de uma formação configurada através das práticas sociais e culturais<sup>4</sup>, com ênfase nos estudos da educação

---

<sup>3</sup> A sociedade coronelística pode ser compreendida através dos princípios do patrimonialismo, que correspondem à extensão do mando doméstico (patriarcal) para o mando público (patrimonial). Neste caso, o poder dos coronéis alcança as famílias e/ou parentela, desde os “parentes mais distantes até os agregados, os funcionários das casas comerciais e os camaradas das fazendas, ou, aos comandados nos batalhões e companhias da Guarda Nacional” (PORTELA, 2009, 63).

<sup>4</sup> As práticas culturais e sociais são aqui entendidas como os modos de vida de uma determinada sociedade, as atitudes (acolhimento, hostilidade, vigilância, desconfiança) ou as normas de convivência (caridade, discriminação, repúdio, repressão) (BARROS, 2011, p. 48)

escolar e não escolar construída no ambiente da Usina Itaicí, com o olhar voltado para uma sociedade hierarquizada que envolvia o cumprimento de regras, disciplina e também de reciprocidades, visando a adequação dos trabalhadores para o trabalho nos canaviais e na produção do açúcar, como também, para o modo de vida na usina, que a nosso ver envolviam discursos e práticas formativas ocorridas no cotidiano e, portanto, havia um caráter pedagógico. Todavia, aqui serão apresentados alguns resultados sobre a educação escolar com o foco na Escola de Itaicí e na escolarização das crianças pelo fato de que neste momento é a parte da pesquisa que se encontra mais avançada, mas faremos um esforço de apontar alguns elementos de pesquisa na direção da educação não escolar.

A criação da Escola de Itaicí foi concomitante com a implantação da Usina Itaicí. Não localizamos nenhum documento que trata especificamente da criação da escola, mas os vestígios indicados na historiografia mato-grossense apontam a existência da escola desde criação da usina.

Souza (1958), Siqueira (et al, 1990) e Gonçalves (2011), relatam sobre a existência dessa escola desde os primeiros anos de funcionamento da usina. Souza (1958) em sua obra *Antonio Paes de Barros e a Política em Mato Grosso* relata que em 1906 a equipe do jornal *O Paiz* fez uma visita na Usina Itaicí e publicou um artigo registrando as suas impressões do que viu na referida usina de açúcar a partir da seguinte transcrição:

À chegada fomos impressionados por um rumor confuso proveniente de sons diversos que indicavam um centro de trabalho em febril atividade. Eram pesados vagões que rodavam sobre os trilhos, transportando para grandes depósitos o açúcar saído das turbinas; eram marteladas cadenciadas do ferreiro, ao longe, sobre a bigorna e a dos carpinteiros que trabalhavam à sombra de grandes árvores; eram ruídos secos das polias e correias transmitindo a força do vapor às engrenagens da serraria, das máquinas de beneficiamento de arroz, tudo movido a um só tempo e por mesmo propulsor; eram apitos, sirenes e sons diversos que se misturavam às vozes dos operários. Visitamos em primeiro lugar a escola onde o professor ministrava o pão do espírito a mais de 40 meninos filhos dos empregados, notando-se a maior disciplina e ordem entre os alunos. Havia ali também a escola de música que funcionava juntamente com a de primeiras letras. Passamos em seguida a biblioteca, fundada há pouco tempo, dispendo de variada coleção de livros sobre ciências, artes, literatura etc, instituição essa mantida para benefício não só dos empregados mais graduados como do operário (SOUZA, 2011, p. 8).

A arquitetura de maior porte dentro da usina era, sem dúvida, a Casa das Máquinas [...] local onde era desenvolvida a maior parte do processo produtivo: moendas, balanças, decantadores e caldeiras. Além dessa fábrica, existia uma “casa grande”. [...] Ali residia o dono da usina

com sua família. Aos camaradas eram reservadas pequenas casas, geralmente germinadas. Além das construções para residência, existiam ainda, dentro das usinas de maior porte, escolas, armazém, depósitos [...], serrarias, moinhos e máquinas de beneficiar arroz (SIQUEIRA ET AL, 1990, p. 39).

Ambos os autores trazem informações importantes acerca da usina, a sua monumentalidade, sua estrutura, arquitetura, bem como, retratam a formação de um núcleo populacional expressivo, mas também confinado. E nessa configuração estava também a escola.

A pesquisa de Gonçalves (2011) trata da *Memória subterrânea das usinas de açúcar: Aricá, Conceição, Flexas e Maravilha*, todas localizadas no município de Santo Antonio de Leverger, as quais ajudaram a compor a rota das usinas de açúcar existentes no estado. O objetivo da autora foi registrar a partir da memória dos trabalhadores como era a vida nas usinas, as relações de convivência, trabalho, sujeição, como também, a escolaridade; desta forma, ela cita a existência de escolas nas usinas Conceição, Aricá e Itaicí: “Tivemos a preocupação de registrarmos o grau de escolaridade dos depoentes, uma vez que havia escolas em três usinas (Conceição, Aricá e Itaicy). Todavia, a escola só surgia integrada ao cotidiano” (GONÇALVES, 2011, p. 31).

A Escola de Itaicí foi instalada numa área destinada ao setor comercial, distribuído em casas geminadas, onde funcionavam além da escola, a farmácia, a padaria e o mercado. Ela Itaicí tinha uma localização privilegiada e, por sinal, estratégica. A escola ficava de esquina e os cômodos grandes abrigavam a sala de aula e o curso de música, onde também ficavam os instrumentos. A fotografia abaixo ilustra o espaço demarcado pela escola visualizada através da primeira casa da direita para esquerda onde encontram-se um grupo de pessoas, possivelmente eram os trabalhadores da usina, o professor de música e os alunos. Os outros domicílios foram destinados ao setor comercial.



Figura 2 - A frente da Escola de Itaicí.

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Cultura de Santo Antonio de Leverger.

O proprietário integrou a escola no projeto da usina. No entanto, depois da sua morte em 1906, ao que tudo indica, a escola parece ter paralisado as atividades. Encontramos no acervo do Arquivo Público de Mato Grosso um abaixo assinado dos moradores da comunidade de Melgaço referente ao ano de 1910 solicitando a criação de uma escola na Usina.

Ao Ex. Senr. Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa – M, D, Presidente do Estado: os abaixo assinados, representantes de várias classes sociais, todos residentes no distrito de Melgaço, município de Santo Antonio de Rio Abaixo, vêm com todo o acatamento levar ao conhecimento de V. Ex. o fato que passam a expor, e para cuja solução pedem a preciosa atenção de V, Ex. Sendo já crescido o número de meninos que em toda zona da vila de Melgaço e adjacências deixam de frequentar a escola, uns por extrema pobreza dos respectivos pais e educadores, outros pela distância em que residem do distrito, e já existindo na Usina Itaicí uma escola apropriada para nela funcionar uma escola e material destinado ao mesmo fim, os abaixo assinados pedem a V. Ex, que ouvida a autoridade escolar, se digne a ceder à criação de uma escola na referida usina do Itaicí, cuja instalação os signatários desta se comprometem a efetuar a expensas próprias. Compenetrados do interesse que V, Ex. dedica as coisas do ensino, os signatários confiam que o pedido melhoramento mereça a aprovação de V. Ex. a quem apresentam os mais elevados protestos de estima e consideração<sup>5</sup>.

Segue abaixo o quadro com o nome de todos os moradores que assinaram a solicitação.

<sup>5</sup> Acervo Arquivo Público de Mato Grosso (APMT). Lata de 1910 B, pasta Instrução Pública.

Assinaturas		
Francisco Pinto de Oliveira	Virgínio Nunes Ferraz Junior	Vicente Ferreira de Paula
Francisco de Assis Albuquerque	Olimpo de Assis Pinto	José Maria Nunes de Campos
Aparício Silvino Peixoto	Joaquim Pinto Guedes	Antonio João da Silva
Jorge Nunes da Conceição	Antonio Fernandes de Mello	Sebastião Batista de Assardos
Jeronimo Nunes	Jorge Reiner Antonio Plínio de Barros	
Bernardo Antonio de Oliveira	João Lima	
Joaquim Pinto de Oliveira	Pedro José Machado	

Quadro 1 – relação dos moradores que assinaram o abaixo assinado. Elaborado pela autora.  
Fontes: APMT, Lata 1910 B – pasta avulsa.

Porém, o jornal O Commercio de 30 de junho de 1910 trouxe uma nota informando que o a solicitação da criação da escola de ensino primário na Usina Itaicí foi indeferida pelo poder público, tanto por parte do Presidente de Estado como pela Diretoria da Instrução Pública. Segundo a nota:

Estamos informando que levada a dita representação à direção da instrução, para informar, o respectivo chefe desse departamento de serviço opinou pelo indeferimento da justa pretensão dos signatários da referida representação, procedimento esse que estranhemos tenha partido de um projecto educar, como folgamos em reconhecer assim o Sr. Major José Estevão Corrêa, tão devorado, tão devotado à causa da instrução pública, opinião aliás que vai de encontro ao programa do governo tendente a alargar, desenvolver e propagar o ensino primário (O COMMERCIO, 1910, p. 2).

Não localizamos o referido indeferimento, mas pressupõe-se que ele pode ter ocasionado pelo fato de que o Regulamento da Instrução Pública de 1910 estabelece que as escolas criadas em áreas particulares sejam de responsabilidade dos proprietários. Outro entendimento é de que fatores políticos também refletiam nas tomadas de decisões, e neste sentido, lembramos que a história da Usina Itaicí foi marcada por intensas disputas



de poder, e isso acarretava em tensões e conflitos constantes. A história da usina ainda carrega esse legado, dessa forma, não é difícil imaginar o indeferimento como uma atitude de retaliação.

Com base no relato do ex-aluno da Escola de Itaicí o Sr. Luiz Duarte, ressalta que estudou nessa escola em 1924, isso é indicativo que ela não ficou paralisada por todo esse período. Encontramos algumas informações a partir de 1928 acerca da escola de Itaicí como escola ambulante.

Segundo o Decreto 797, de 14 de março de 1928 – fl. 151 e 152, “Cria-se uma escola ambulante mista de instrução primária no lugar denominado Itaicy, no município de Santo Antônio do Rio Abaixo”. O Presidente do estado de Mato Grosso atendeu a representação dos moradores de Itaicí, no município de Santo Antônio do rio Abaixo [fl.151] sobre a necessidade de ser ali criada uma escola mista dada a existência de muitas crianças em idade escolar, e tendo em vista as informações prestadas a respeito pelas autoridades competentes. Conforme o Art. Único:

Fica criada nos termos do art. 253, do Decreto regulamentar n.º 759, de 22 de abril de 1927, no lugar denominado Itaicy, município de Santo Antônio do Rio Abaixo, uma escola ambulante mista de instrução primária; revogadas as disposições em contrário (MATO GROSSO, DECRETO, 1927, p. 151-152).

Souza (2015) ao tratar sobre a diferenciação espacial das escolas isoladas em São Paulo afirma que em 1904 foi ratificada a classificação das escolas primárias conforme a localização e o uso legal do termo escola isolada. A Lei n. 930, de 13 de agosto, estabelece que o ensino preliminar seria ministrado em escolas ambulantes, em escolas isoladas situadas em bairros ou distritos de paz e na sede de municípios, nos grupos escolares e na escola modelo preliminar anexa à escola normal da Capital. Para a autora o regulamento estabelecido para a execução dessa lei (Decreto n. 1.239, de 30 de setembro de 1904) especificou a compreensão de cada uma dessas escolas. “Eram consideradas ambulantes as escolas isoladas situadas em bairros vizinhos, servidos por via férrea, que estivessem entre si na distância máxima de 6 Km” (SOUZA, 2015, p. 297). Desta forma, as aulas nas escolas ambulantes seriam ministradas alternadamente um dia em cada bairro. Por último, “a autora mostra que o regulamento estabelecia que o ensino nas escolas ambulantes teria a duração de três anos, determinando, assim, uma primeira diferenciação das escolas em razão do tempo de duração do curso primário” (SOUZA, 2015, 297). Essa foi a definição de escola ambulante que encontramos, embora seja

referente ao estado de São Paulo, ela ajuda a ter um entendimento da organização de escolas nessa modalidade, tendo em vista que São Paulo sempre serviu de referência na elaboração das reformas educacionais no estado de Mato Grosso.

Procuramos algumas informações referentes à característica e funcionamento das escolas ambulantes de Mato Grosso no Regulamento de 1927 e em autores que trabalham com a história da educação no estado como Alves (1998), Sá (2007), REIS (2011), Silva (2014), entre outros, mas não encontramos muitas referências sobre esse modelo de escola. Apenas o Regulamento de 1927 que traz no capítulo II das disposições gerais, art. 253 uma única menção - Nas zonas de pequenos núcleos de população, poderá o governo criar escolas rurais ambulantes, circunscrevendo-lhes o raio de ação, os pontos de localização e o tempo de funcionamento em cada um desses pontos.

Procuramos algumas informações referentes à característica e funcionamento das escolas ambulantes de Mato Grosso no Regulamento de 1927 e em autores que trabalham com a história da educação no estado como Alves (1998), Sá (2007), REIS (2011), Silva (2014), entre outros, mas não encontramos muitas referências sobre esse modelo de escola. Apenas o Regulamento de 1927 que traz no capítulo II das disposições gerais, art. 253 uma única menção - Nas zonas de pequenos núcleos de população, poderá o governo criar escolas rurais ambulantes, circunscrevendo-lhes o raio de ação, os pontos de localização e o tempo de funcionamento em cada um desses pontos.

A escola construiu uma cultura voltada com base no compromisso e a finalidade de alfabetizar. Porém, as práticas fabricadas no contexto da referida escola, projetou além do ensino de leitura, escrita e aritmética, outras práticas relacionadas ao cotidiano, como aulas de música e alfaiataria. Percebe-se assim a produção de uma cultura escolar como objeto histórico, compreendida como:

...um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas, finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização (JULIA, 2001, p. 10).

As aulas de música eram ministradas na escola de música que na prática ela foi inserida na rotina da escola primária, estabelecendo uma relação entre prática social e prática escolar. A escola de música funcionava no prédio da escola primária. Foi uma atividade que ocorria concomitante com as aulas regulares e, por sua vez, representa uma

atividade inovadora para época em termos de currículo para alunos de escola rural, que mesmo sem constar no currículo oficial ela ocorreu enquanto prática escolar. A implantação da escola de música foi tão importante que o proprietário criou uma banda de música composta por operários da usina e pelos alunos da escola.

A formação dessa banda de música consta desde os primórdios da usina, quando ainda se encontrava sob o comando do Cel. Totó Paes. Segundo Souza (1958), o Jornal O Paiz de 1906 relatou a existência da banda quando uma equipe do referido jornal visitou a Usina Itaicí. O Jornal Correio do estado de (05/12/1925, n. 213, p. 2)<sup>6</sup>, um órgão do partido Republicano, também noticiou sobre a banda de Itaicí, cuja publicação de um artigo intitulado *Santo Antonio em festa* destaca “As corretas bandas de música dos menores da usina do Itaicy e da Força Pública do estado abrilhantando sobre modo todas as solenidades”. Os menores de que trata a notícia do jornal eram as crianças da usina na condição de alunos da escola. A banda era conhecida como a banda dos menores de Itaicí.

O ex-aluno da escola Sr. Luiz Pereira Duarte<sup>7</sup> deixou para a família um relato sobre a sua trajetória de vida e sem dúvida representa um testemunho do passado que deixou uma interpretação de si e do mundo no qual estava inserido. Ele nos permitiu adentrar na povoação de Chacororé, na Igrejinha dedicada a Nossa Senhora das Dores, na sua casa que ficava a beira do carvoal, na sua escola.

Seu testemunho reflete a memória do “homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansado, por um instante, das lidas cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando conscientemente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1994, p. 60).

No ponto de vista do Sr. Luiz Duarte “Itaicí tinha uma boa escola, uma banda de música composta de jovem, era um lugar alegre, e eu me sentia feliz”. Nota-se que as suas pontuações tem muito de sentimento afetivo e demonstra uma interação com o lugar.

A sua representação sobre a Escola de Itaicí está associada ao acesso à escola, a lembrança do mestre e suas múltiplas funções e o ingresso na banda de música. Segundo seu relato “fui para a escola e conheci o Mestre João M. da Fonseca que exercia três funções: Ensinava leitura, música e alfaiate” (TESTEMUNHO, DUARTE, 1995, p. 2).

---

<sup>6</sup> Jornal Correio do Estado, Ano III, Cuiabá, de 05 de dezembro de 1925, nº 231, publicação semanal.

<sup>7</sup> DUARTE, Luiz Pereira. *Relato*. E o sonho realizou. Datilografado. Santo Antonio de Leverger, 06 de Outubro de 1995, p. 1-3.

Ainda relata que se ingressou na banda de música. O instrumento que começou a tocar era o prato, mas passou a estudar instrumento de sopro sendo que foi interrompido com a morte do seu professor e mestre. O senhor Luiz Duarte relatou que depois disso a banda de música decaiu, e mesmo com a passagem de outros mestres pela escola, não conseguiram reerguer a banda, levando-a a deixar de existir. Todavia, o aluno que aprendeu tocar os instrumentos musicais na escola Itaicí tornou-se um grande músico. Entrou para história do município como um dos seus melhores instrumentistas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolarização das crianças no universo da Usina Itaicí teve como propósito instruir e educar. As crianças tinham um currículo diferenciado. Havia tanto as aulas de leitura, escrita e aritmética quanto às aulas de música e alfaiataria estabelecidas como prática escolar, de modo que isso não era comum no contexto das escolas localizadas em área rural. Além das aulas de música, as crianças puderam participar da formação de uma banda juntamente com os trabalhadores da usina, e isso permitiu a integração deles com a música, com a comunidade e com outros setores sociais fora da usina, mas percebe-se também um movimento de indução e controle desse público infantil e também dos trabalhadores na direção de determinadas condutas e formação de valores, próprios do modelo de sociedade coronelística e hierárquica.

Outro elemento importante na análise das representações da educação no espaço da Usina Itaicí, é a educação não escolar. Procura-se aqui fazer apenas alguns apontamentos os quais possibilitam refletir o modo como a educação foi configurada no cotidiano, influenciando a formação de valores, hábitos, costumes e comportamentos construídos culturalmente. Desta forma, percebe-se um direcionamento para um modelo de educação voltada para os trabalhadores da usina e as famílias com base na *disciplina* e no *controle do trabalho, dos trabalhadores e nas relações*, isso se dava por meio: a) **do espaço**, que demarcava a paisagem, a circulação das pessoas e o seu caráter simbólico, que a nosso ver sugere um espaço de confinamento; b) **da convivência** - considerando que a educação voltava-se para uma formação de valores e práticas com base em princípios hierárquicos construídos mediante as relações fabricadas entre patrões, empregados e suas famílias; c) **Do trabalho**, de modo que a educação envolvia a adequação ao ritmo das máquinas, inserindo uma rotina de horários, tarefas nos canaviais (plantação e colheita), na produção de açúcar e aguardente, bem como, observa-se

também a utilização de coação e violência em caso de transgressões às regras da usina, evidenciadas na forma de punições e algumas resistências. A educação aspirava-se disciplinadora e ideológica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Laci Maria Araujo. *Nas trilhas do ensino* (Educação em Mato Grosso: 1910-1946). Cuiabá: EdUFMT, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, coronelismo e clientelismo: uma discussão conceitual*. In: *Dados*, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 40, n. 2, 1997, pp. 229-250.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Volume 1: Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORRÊA, Valmir Batista. História e violência cotidiana de um “povo armado”. *Projeto História*. São Paulo, n. 39, pp 57-73, jul/dez, 2009.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FRANCO, Gilmara. Confrontos pelo poder: Cuiabá como palco das disputas políticas e o assassinato de Antonio Paes de Barros (1902-1906). *MONÇÕES*, UFMS/CPXC – Vol. 3 n. 3 2015, p. 5-26.

GONÇALVES, Marlene. *Fragments da memória subterrânea das usinas de açúcar: Aricá, Conceição, Flexas e Maravilha*. 1. Ed. Curitiba, PR: CVR, 2011.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, v.1, p.9-43, jan./jun. 2001.

MATO GROSSO. Governo. *Portaria*. Arquivo Público de Mato Grosso – APMT, Cuiabá – MT, 1984.

MATO GROSSO. Estado. Governo. *Decreto* nº 797, de 14 de março de 1928, fl. 151-152. Cria uma Escola Ambulante e Mista na povoação de Itaicí no município de Santo Antonio do Rio Abaixo.

O CORREIO DO ESTADO. *Jornal*. Órgão do partido republicano de Mato Grosso. Cuiabá, 1925. Acervo NDIHR/BN/APMT.

O COMMERCIO. *Jornal*. Órgão Particular (Amarílio Alves de Almeida) Cuiabá, 1910. Acervo BN/APMT/NEDHIR.

PORTELA, LAURO V de S. *Uma República de muitos coronéis e poucos eleitores: coronelismo e poder local em Mato Grosso*. Dissertação. (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2009.

REIS, Rosinete M. dos. *A escola isolada à meia luz (1891-1927)*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 309.

SÁ, Elizabete Figueiredo de. *De criança a aluno: as representações da infância em Mato Grosso (1910 a 1927)*. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

SANTO ANTONIO DE LEVERGER. *Testemunho*. 1995. Relato escrito. Sr. Luiz Pereira Duarte. Acervo de família.

SILVA, Marineide de Oliveira da. *Escola Primária Rural: trilhar caminhos e transpor barreiras na educação em Mato Grosso (1927-1945)*. Cuiabá: EdUFMT, 2014.

SIQUEIRA, Elizabeth M.; COSTA, Lourença e CARVALHO, Cinthia M. C. *O Processo Histórico de Mato Grosso*. UFMT, Cuiabá, 1990.

SOUZA, Antonio F. de. *Antonio Paes de Barros e a Política de Mato Grosso*. IHMT, Cuiabá, 1958.

SOUZA, Rosa Fátima de; ÁVILA, Virgínia P. da S. de. Para uma genealogia da escola primária rural: entre o espaço e a configuração pedagógica. *Revista Roteiro*, Joaçaba, v. 40, n. 2, p. 293-310, jul./dez. 2015.